

Um Conto Chinês: interfaces entre ficção e cultura à luz da interculturalidade

A Chinese Tale: interfaces between fiction and culture in the light of intercultural

Priscila Moura BEZERRA¹
Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO²

Resumo

Este artigo, derivado de uma pesquisa sobre diversidade cultural em andamento, analisa o filme argentino *Um conto Chinês* na perspectiva teórica da interculturalidade, discutindo os conceitos de cultura, multiculturalismo e alteridade, com a finalidade de contribuir para a compreensão das relações entre cinema e sociabilidade. O percurso adotado contempla os estudos de Hall (2004), Gordillo (2010), Lopes (2004), Paiva (2007), Fleury (2003), entre outros. Essa produção cinematográfica foi escolhida sob a premissa de que constitui uma linguagem eficiente para a percepção e a interpretação de questões que envolvem a exclusão social e a diversidade de culturas.

Palavras-chave: *Um Conto Chinês*. Cultura. Ficção. Interculturalidade. Multiculturalismo.

Abstract

This article, derived from a survey of cultural diversity in progress, analyzes the Argentine film *A Chinese tale* in the theoretical perspective of interculturalism, discussing the concepts of culture, multiculturalism and otherness, in order to contribute to understanding the relationship between cinema and sociability. The route adopted studies include Hall (2004), Gordillo (2010), Lopes (2004), Paiva (2007), Fleury (2003), among others. This film production was chosen under the assumption that is an efficient language for the perception and interpretation of issues surrounding social exclusion and the diversity of cultures.

Keywords: *A Chinese Tale*. Culture. Fiction. Interculturalism. Multiculturalism.

¹ Graduando do Curso de Comunicação Social da UEPB. Email: priscilamourapb@gmail.com

² Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da UEPB. Email: rnodia@terra.com.br

Introdução

Um Conto Chinês é uma produção argentina de 2011, dirigida por Sebastián Borensztein, com locações realizadas entre a Argentina e a Espanha. Em termos de gênero cinematográfico é classificado como uma comédia dramática, uma vez que situações tragicômicas se alternam, favorecendo estados de atenção dos espectadores para diálogos marcados pelo riso e pela emoção, em razão da problemática abordada que se refere à diversidade cultural, numa relação improvável entre pessoas diferentes.

Na conjuntura de intensa visibilidade midiática do tempo presente, as lógicas da produção ficcional desenvolvem operações sutis e estratégicas nas apropriações dos seus conteúdos, fomentando entrecruzamentos e laços de aproximação com diferentes problemáticas que afetam a coletividade, criando um horizonte de tematizações plurais que possibilitam o trânsito de sentidos e identificações. Assim, podemos considerar que o cinema, pela via do imaginário, tece relações com os temas sociais apresentando temáticas cujos ecos podem refletir diversas problemáticas culturais, a exemplo das abordagens sobre o multiculturalismo no que se refere às diferenças sociais e históricas.

No filme em questão, selecionado para análise, o ator Ricardo Darín é Roberto, proprietário de uma loja de ferragens que leva sua vida cotidiana de modo previsível e sem grandes turbulências. Entretanto, o personagem se caracteriza como um homem ranzinza, introspectivo, que não se abre para o mundo e faz questão de manter distância das pessoas ao seu redor, até mesmo de Mari (Muriel Santa Ana), por quem nutre secretamente uma paixão. Porém, de uma hora para outra, tudo começa a mudar nesse cenário de previsibilidades, quando o chinês Jun (Ignacio Huang) aparece em sua vida de forma inusitada: perdido e machucado, depois de ter sido jogado de um táxi. O comerciante Roberto, meio a contragosto, tenta ajudá-lo, afinal não poderia permitir que um semelhante não recebesse de sua parte um mínimo de atenção.

Inicialmente, há um estranhamento e antipatia entre os dois, uma vez que Roberto não entende mandarim e Jun não fala sequer uma palavra de espanhol. E em meio a uma relação que mistura um sentimento de solidariedade, muito embora sob o humor arisco do personagem de Darín, os dois se relacionam cotidianamente com mímicas e olhares expressivos, na tentativa de estabelecer entendimento e uma possível

convivência. Mesmo contra sua vontade, Roberto permite que Jun fique em sua casa como hóspede, mas por tempo determinado, até que encontre seu tio.

O filme aborda a questão do comportamento de um indivíduo perante outro com uma cultura extremamente diferente da sua. A Argentina, espaço geográfico onde se passa o enredo, é um país com longo histórico de xenofobia. Essa característica pode ser percebida em algumas cenas como, por exemplo, quando um dos clientes de Roberto confunde Jun (que estava naquele ambiente na condição de hóspede) como funcionário ilegal da loja de ferragens. O diálogo empreendido na película, cômico nessas circunstâncias, é uma crítica às políticas de imigração, nas quais estrangeiros têm pouco ou quase nenhum direito perante o mercado de trabalho argentino, sendo tratados de forma preconceituosa por uma grande parcela da população.

É sem sombra de dúvidas uma produção permeada pela linguagem gestual, com olhares que tentam dar aos espectadores a ideia de que a ficção tece aproximações com a realidade. Na maioria das cenas, pontuadas por silêncios, o público atento consegue compreender o que o autor da trama quis comunicar em tais mensagens. Uma cena em especial desperta nosso interesse: Roberto e Jun vão jantar na casa de Mari. O silêncio da refeição traduz a barreira cultural erguida entre a família da moça sentada à mesa e o chinês. Durante o jantar, é visível o desconforto de Jun, que tenta imitar os modos dos argentinos ao seu redor. Vemos, segundo esse fragmento, a intenção de expor os esforços na adaptação e no compartilhamento de ações sociais que produzam aceitação e inclusão, bases iniciais para o desenvolvimento de laços afetivos.

Outra cena que vale registro é a que Roberto leva Jun a um bairro chinês de Buenos Aires para procurar pelo tio do hóspede. Uma das pessoas abordadas pela dupla, um idoso, diz que não entende o que Jun diz, fazendo com que Roberto seja grosseiro e crie uma situação conflituosa. O senhor então afirma que não entende mandarim, apenas cantonês. Essa situação ilustra um modo de pensar errôneo e desrespeitoso para com os estrangeiros de origem chinesa, por fazer acreditar que naquele lugar apenas se fala o idioma mandarim, uma vez que a China possui dezenas de dialetos.

Outra passagem marcante diz respeito ao encontro com a família que poderia ser a de Jun, após muitas buscas realizadas pelos protagonistas. No entanto, a informação não se confirma e o velho chinês constata que o estrangeiro não é seu sobrinho. Roberto, então, impaciente pela convivência com o chinês, tenta convencer aquela

família a levá-lo embora, sob o pretexto de que mesmo não sendo parentes, eles têm a mesma cultura, o que poderia facilitar o convívio diário, que já se transformou em martírio psicológico para o comerciante.

Nesse sentido, trata-se de uma obra cinematográfica que reflete sobre a comunicação e a alteridade. O estranhamento e a familiaridade nas trocas de informação presentes no encontro imprevisível entre pessoas de culturas totalmente opostas e que apesar de criar, num primeiro momento, uma situação problemática entre ambos, acaba por configurar o aprendizado pautado no afeto, bem como enfatiza a prática da solidariedade e da empatia entre Jun e Roberto como reflexos do processo social da globalização, que parte do princípio de superar barreiras e distâncias geográficas.

Entretanto, para além das fronteiras superadas, m nome da denominada aldeia global, por que as relações de proximidade, baseadas no respeito e no diálogo sincero entre sociedades distintas, tornam-se raras? Desse modo, o encontro entre culturas diferentes pode fazer avançar a compreensão da comunicação interpessoal, fomentando discussões que remetem ao sentido do multiculturalismo, da interculturalidade e da perspectiva dinâmica que caracteriza o conceito de cultura. Como nos relacionamos com o diferente? Como ultrapassar as barreiras do estranhamento cultural? Torna-se oportuno, então, abrir o debate acerca das relações sociais e multiculturais para viabilizar o respeito e o conhecimento do outro sem desembocar nas seculares relações de incomunicação, poder e dominação social, que separam e desagregam os indivíduos.

Assim, o objetivo do presente trabalho é discutir os conceitos de multiculturalismo, alteridade e interculturalidade, a partir do filme argentino *Um Conto Chinês*. Elegemos tais perspectivas teóricas como pilares da análise, recorrendo ao aporte teórico dos trabalhos de Fleury, Frei Betto, Ferreira e Fernandes, Marmora, Vasconcelos e Araújo, para a compreensão da temática problematizada pela ficção.

A intenção de utilizar o filme como espaço de interlocução para a(s) cultura(s) nos parece pertinente, pois, segundo o raciocínio de Lopes (2004), a ficção representa uma linha de força na construção de uma sociedade *multicultural*, pelos enfoques e mensagens difundidos. Tais produtos são, “antes de tudo, importantes por seu significado cultural, oferecendo material precioso para se entender a cultura e a sociedade de que são expressão” (LOPES, 2004, p. 125).

Dessa forma, o trânsito discursivo do *ficcional* para o *factual*, ou seja, da narrativa ficcional para o contexto histórico-social (as apropriações temáticas), caracteriza o que Paiva (2007) denomina de “multimeio” de comunicação. Nessa lógica, o filme assume esse formato, possibilitando leituras e inferências, colocando em perspectiva diferentes *hibridações culturais*, que podem instigar novos modos de compreensão e intervenção na realidade, sugerindo “maneiras de politizar o olhar sobre as culturas e seus dilemas” (PAIVA, 2007, p. 29).

Kellner (2001) salienta com propriedade que a cultura midiática produz relações de sentido com o mundo real, uma vez que suas imagens, sons e espetáculos tecem as tramas da vida cotidiana, ocupando o tempo de lazer do público, modelando suas opiniões políticas, influenciando comportamentos, permitindo o fluxo de diferentes discursos que esboçam suas “identidades”. Essa cultura socializa, no entender do autor, ideias e concepções que inspiram a coletividade, sobretudo quando os produtos ficcionais apresentam temas e problemáticas que configuram material simbólico com o qual muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade. “Esse simbolismo forja a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos do público, pois define o que é considerado bom ou não, positivo ou negativo, moral ou imoral” (KELLNER, 2001, p. 9).

Considerando esse pensamento, notamos que o filme apresenta um rico universo de matrizes de “identificação cultural” (HALL, 2004). Assim, novas dinâmicas de sociabilidade são tecidas a partir da ressignificação de suas narrativas, cujos personagens promovem modalidades de identificação cultural, suscitando novos agenciamentos de sentidos. Na perspectiva do autor, as possibilidades interpretativas do gênero cinematográfico produzem um trânsito intenso de formulação de novos conceitos, uma vez que sua polissemia influencia ideias e pertencimentos no cotidiano dos espectadores.

A obra cinematográfica exerce, dessa forma, papel estratégico na percepção das diferenças sociais, na transformação de sensibilidades, na construção de identidades culturais a partir do imaginário chinês *versus* argentino. Por isso, para Martín-Barbero (2004), a ficção audiovisual formata uma imagem estratégica de determinados universos do mundo real, possibilitando o reconhecimento entre a audiência, notabilizando “um modo comprometido” de ver, escutar ou ler uma dada historicidade.

Com tais propósitos, neste artigo buscamos contextualizar histórica e socioculturalmente a sociedade argentina, uma vez que o cenário de ambientação da trama é a cidade de Buenos Aires, expondo dados que expliquem determinadas nuances do comportamento castelhano e de sua visão de mundo, responsáveis pela demarcação de sua cultura. Logo em seguida, abordamos aspectos concernentes à interculturalidade, partindo da configuração contemporânea de uma cultura movediça (HALL) como eixo norteador do raciocínio desenvolvido.

Argentina: panorama histórico e sociocultural da comunicação sul-americana

Segundo maior país da América do Sul, a Argentina tem a terceira maior população do continente. É um país latino, cercado de um lado pela cadeia montanhosa da Cordilheira dos Andes, e do outro, pelo oceano Atlântico.

Sua colonização iniciou-se no ano de 1512, no contexto das excursões espanholas à América, levadas a cabo pelo navegador genovês Cristóvão Colombo. A origem da formação do povo argentino está intimamente ligada à fatídica colonização espanhola, capítulo da história caracterizado principalmente pela dizimação de dezenas de povos indígenas da região sul-americana.

A instalação das chamadas “missões jesuítas guaranis” foi o marco da formação social argentina. Essas missões eram expedições realizadas pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus para o aldeamento das tribos de índios, com o intuito de levar civilização e evangelização aos povos que ali habitavam. Podemos pensar que a partir dessa circunstância iniciou-se o processo de aculturação e transformação identitária do povo argentino, devido ao contato evangelizador das culturas religiosas. O pensamento europeu da época versava que Deus “havia dado a América de presente à Espanha, como forma de compensar o ‘mal’ que a Reforma Protestante estava fazendo na Europa, dividindo a cristandade”. (FERREIRA; FERNANDES, 2005, p. 212).

O tempo que se seguiu logo após o início da colonização na Argentina definiu a sua sociedade em eixos marcadamente distintos. De um lado, estavam os indígenas, brutalizados e escravizados; a população negra era escassa; os camponeses se encontravam em situação precária, quase servil; e no topo da sociedade, por fim,

encontravam-se os fazendeiros brancos, ricos e bem educados, o que pode sugerir a noção de separação cultural desde os primórdios dessa sociedade.

Aspecto importante da formação sociocultural desse país se deu durante o governo do presidente Domingos Sarmiento, no qual houve uma transposição para a América dos valores europeus vigentes no século 19. O modelo secular que serviu de inspiração para Sarmiento atrelava ao conceito de sociedade perfeita a questão do cientificismo. Sob essa questão, o campo era colocado com um lugar selvagem, ruim, bem como aqueles que não se enquadravam no modelo citado eram considerados diferentes:

Nas palavras de Sarmiento: “(...) O homem da cidade veste o traje europeu, vive a vida civilizada tal como a conhecemos em toda a parte; ali estão as leis, as ideias de progresso, os meios de instrução, alguma organização municipal, o governo regular. Saindo do recinto da cidade, tudo muda de aspecto” (FERREIRA; FERNANDES, 2005, p. 434).

Atualmente, a Argentina é um país com cerca de 95% da população branca, descendente principalmente de espanhóis e italianos. Especula-se que houve uma espécie de diluição, ou limpeza da sociedade argentina, em relação às populações mestiças e indígenas. Fato curioso notado recentemente é o crescimento do índice de imigrantes bolivianos, paraguaios e chineses.

O panorama atual da sociedade de nossos *hermanos*, no que diz respeito à sociedade e à cultura, remete à triste questão da xenofobia. Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, do dia 21 de fevereiro de 2000, o especialista em migrações Lelio Marmora argumenta que a crise econômica é a principal causa do aumento dos casos de preconceito e violência contra estrangeiros nesse país. No artigo, o estudioso explica que o aumento da desocupação alimentou os sentimentos de rechaço e xenofobia e que esse é um momento de queda social na Argentina. O motivo apontado por Marmora é que as classes médias deslocadas para baixo buscam se diferenciar de alguma forma dos outros pobres, discriminando-os pela raça ou pela cor da pele.

O entrevistado, que leciona sociologia das migrações na Universidade de Buenos Aires, culpa ainda tal sentimento de identidade com os valores e costumes europeus pela

xenofobia, observado na sociedade argentina, sobretudo na capital, afirmando ainda que “tudo que não é europeu é discriminado”.

Ainda sobre a origem dos movimentos xenófobos que fazem parte intrinsecamente da formação cultural argentina na contemporaneidade, Marmora discorre: Os europeus inventaram a fundamentação científica do racismo. Há uma herança muito forte desse racismo nos argentinos. Mesmo os argentinos do norte do país, que têm traços indígenas, são discriminados, chamados de "negros". Ser negro aqui é ser pobre, do interior e não ter traços europeus.

Em suma, a Argentina caracteriza-se como um país fortemente influenciado pela cultura europeia, mais precisamente a espanhola e vive uma espécie de “imitação consciente” dos costumes europeus nas mais diversas frentes do país. Seja na arquitetura urbana, no modo de vestir, na culinária e em tantos outros fatores que definem a sociedade castelhana, percebemos que a intolerância à outras etnias e nacionalidades faz com que o povo argentino seja reconhecido não apenas como um povo que herdou os bons costumes da sociedade europeia, como também as suas mazelas sociais. Esse é o pano de fundo do filme em análise, que retrata a intolerância com os diferentes. Nesse sentido, observamos que a ficção trata a temática com verossimilhança. Mas como ocorre esse processo?

Gordillo (2010) salienta que para se estudar os mecanismos presentes na ficção torna-se essencial conhecer as funções que a permeiam e os mecanismos que a situam como espaço de proximidade com o mundo real. São eles: a *fabulização*, a capacidade de atrair as pessoas para outros contextos, mediante a ação de personagens, tempos e espaços (por diferentes modos de representação); *socializadora*, ao unir grupos sociais em torno de temáticas comuns, gerando adesões, gostos e preferências; *identitária*, ao compartilhar os significados coletivos e as mutações culturais; *disseminadora de modelos*, ao organizar situações e personagens familiares, convertendo os estereótipos em sugestões de comportamento social; *formativa*, no sentido de que alguns relatos expõem mensagens educativas.

De acordo com a autora, as temáticas da ficção tecem relações com o cotidiano social no sentido *filogenético*: reproduzem desdobramentos e hibridações que suscitam *novos acontecimentos*. Assim, permitem processos imagéticos de subjetivação de pensamentos e propagação de práticas sociais, legitimando o processo de *mediação*. No

caso que aqui nos interessa, a cultura do povo argentino, com suas idiossincrasias, diferenças e especificidades, torna-se um fenômeno partilhável e assimilável pelos espectadores.

As várias faces da cultura: multiculturalismo, alteridade e interculturalidade

Cultura, dentre suas inúmeras nuances interpretativas, constitui, de acordo com Reinaldo Fleury um termo que abrange pelo menos três componentes: “O que as pessoas pensam, o que são, o que fazem e o que produzem numa dada sociedade” (FLEURY, 2003, p. 76).

À luz desse pensamento, cultura significa tudo que é produzido pelo homem como legado intelectual, a fim de caracterizar o conjunto de costumes, comportamentos e crenças pelos quais os grupos sociais revelam seus pertencimentos coletivos. Dessa forma, podemos afirmar também que a cultura pressupõe um elemento impossível de se desenvolver de forma individual, uma vez que se expressa no contato dos indivíduos entre si nas suas relações de comunicação social. Desse modo, o autor salienta que “simbolicamente o conceito de cultura é sustentado por conjuntos de significados construídos e compartilhados em sociedade” (FLEURY, 2003, p.77).

Ao se falar sobre cultura, deve-se estar ciente de que é de suma importância levar em conta os processos históricos dos seres humanos e seus processos de conhecimento sobre a coletividade, considerando, sobretudo, as variáveis de suas interpretações: “Desse modo, as culturas são produzidas, percebidas e interpretadas de diferentes modos. O agir do ser humano é visto como ação simbólica. Isso nos faz entender que o significado de cultura permite que esta seja pública e plural” (FLEURY, 2003, p.79).

Nessa perspectiva, situa o termo multiculturalismo: as discussões acerca do multiculturalismo acompanham os debates sobre o pós-modernismo e sobre os efeitos da pós-colonização na cena contemporânea, “o que se verifica de forma mais evidente a partir dos anos 1970, sobretudo nos Estados Unidos” (FLEURY, 2003, p. 79).

Assim, o multiculturalismo implica multiplicidade de culturas. Hibridismo, diversidade étnica e racial, novas identidades políticas e culturais são termos explicita e igualmente relacionados a esse conceito, ilustrados neste artigo pelo papel dos

protagonistas do filme *Um Conto Chinês*, que juntos tematizam as diferenças e semelhanças que compõem o espaço social humano, apesar das diferenças que compõem os simbolismos de comunicação entre um argentino e um representante do oriente. Dessa forma, entendemos que o filme parte do argumento de que existem múltiplas culturas e que o enredo se refere, basicamente, à “representação, à identidade e à tradição cultural” dos seus protagonistas, que passam a compartilhar em tempos e espaços sociais diferentes a noção de conflito e encontro, reunindo na convivência culturas heterogêneas que trazem em comum a marca da humanidade e da sociabilidade, apesar do estranhamento na comunicação, incluindo-se a diferença linguística, uma vez que um nada sabe do idioma do outro.

Na ótica de Hall (2004), o filme pode ser lido como produto de cultura híbrida, uma vez que os deslocamentos identitários ocorrem em função dos intercâmbios culturais, à medida que não se fala mais em cultura estática ou imóvel, mas cambiante, flexível e sujeita às transformações provocadas pela comunicação. Significa pensar que os indivíduos aprendem coletivamente as culturas e compartilham suas impressões de mundo a partir dos deslocamentos e assimilações. Assim, faz sentido falarmos em culturas e não mais cultura, como se fosse uma categoria isolada no território das sociabilidades.

É, portanto, a partir de um significado plural das culturas que o conceito de multiculturalismo começa a se esboçar, levando-nos a refletir sobre as negações culturais, preconceitos, afirmação de identidade e dominação, a intolerância e a segregação coletiva que persistem no tempo presente. Nesse âmbito, a diversidade aparece como fator primordial de enlace das relações sociais contemporâneas, uma vez que a não homogeneização da sociedade possibilita o grande contraste de identidades. A essas relações conflituosas que ainda coexistem, separando as pessoas, os estudiosos chamam de “negação da alteridade” humana. Todavia, Maffesoli (2002) revela otimismo e menciona as socialidades possíveis, quando se reporta à capacidade de existência das “brechas” sociais que instigam novos espaços de convívio e relação, o que pode nos trazer esperança de comunicação interpessoal.

Por alteridade compreende-se algo no sentido de olhar não só para si mesmo, mas também, para o outro. Mas como apreender tal conceito de forma dialética e menos reducionista? Frei Betto, em artigo sobre o tema, argumenta que a alteridade está

relacionada a capacidade de um indivíduo “apreender o outro na sua dignidade, nos seus direitos e, principalmente nas suas diferenças”:

(...) Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele (BETTO, 2014, *online*)³.

Segundo Betto, a generosidade surge como principal agente no processo de alteridade democrática a que se propõe a sociedade. A generosidade é um meio facilitador do sentimento de alteridade, ou seja, da percepção do outro, porque compreende a capacidade de conviver respeitando a interioridade do outro, buscando compreender suas experiências de vida.

Nesse sentido, podemos inserir o princípio da interculturalidade, entrelaçado aos termos “identidade, diversidade e homogeneidade”. Seu objetivo não é apenas a formação, mas também a integração dos grupos no ambiente social; isso perante o enfrentamento das influências do individualismo e das culturas do consumo e da globalização. Na verdade, pensar na relação entre culturas implica se colocar contrário à supremacia de algumas culturas sobre outras.

Ao debate entre as diversas concepções e propostas com relação ao surgimento de processos de identidades sociais e culturais diferentes denominamos intercultural (FLEURY, 2003). Retomando o pensamento de Gordillo (2010), no que se refere às perspectivas socializadoras e formativas dos produtos ficcionais, podemos afirmar que o filme aborda a importância da interculturalidade nos espaços sociais diversos, justamente porque chama a atenção para a necessidade da percepção do outro, não como um ser a que se pode submeter ou negar, mas enquanto ser dotado de características culturais únicas que devem ser preservadas, numa relação que permite o aprendizado com as diferenças culturais. Nesse sentido, a alteridade também se torna objeto de debate da ficção através dos protagonistas Roberto e Jun, que passam a se enxergar em meio as suas particularidades humanas e sociais, entre gestos e silêncios, na (in)comunicabilidade de suas intenções e sentimentos. Sobretudo por esse aspecto, o filme retrata o significado da sociabilidade e da comunicação na sociedade

³ Disponível em: < <http://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/24-alteridade> >.

contemporânea: o respeito ao próximo em seu mais alto grau de abrangência, ainda mais numa época em que as denúncias de racismo nos meios de comunicação não são produtos ficcionais ou imaginários, narrando uma dura realidade que permeia a sociedade atual.

Considerações finais

O final do filme apresenta o desfecho para o caso do chinês. Numa manhã, Roberto acorda com um telefonema do suposto tio de Jun, que explica viver na Província de Mendoza. Roberto pede que Jun fale com o tio e, logo em seguida, mesmo não entendendo o que foi dito durante a conversa, compreende pelo tom emocionado do chinês que ele havia finalmente encontrado quem tanto procurava. Os últimos instantes entre Jun e Roberto são marcados por um aperto de mãos mudo. Em casa, Roberto encontra o desenho de uma vaca pintada no muro pelo chinês e, por fim, vai atrás de Mari.

O discurso final do filme é revestido pela premissa de que é necessário saber lidar com as diferenças para poder haver um final feliz e, não somente isso, uma pessoa que possa à primeira vista nos parecer tão distante em características culturais, mantém uma proximidade nas circunstâncias da vida que denotam grande semelhança no que antes era considerado diferente.

O debate em torno das questões relacionadas à cultura mostradas nesse produto ficcional sugere pelo menos dois eixos de percepção, uma vez que várias leituras podem ser vislumbradas: primeiro, ajuda a compreender o *modus operandi* da cultura argentina no tocante às culturas diferentes; e em segundo lugar, favorece o entendimento de que o diálogo intercultural é necessário para que haja respeito as diferenças de cada indivíduo, o que direciona a possibilidade de (re)invenção de novas sociabilidades a partir da aceitação das múltiplas subjetividades. Ainda que o documento fílmico não possa ser visto como realidade, em razão do seu conteúdo ficcional, a representação social que expõe mostra-se pertinente para leituras do espaço histórico em que vivemos, uma vez que o autor da obra cinematográfica aborda um dado contexto que nos revela de onde fala, para quem fala, a partir de que lugar, com qual propósito. Ou seja, a ficção produz intenso espaço de significados e trânsito de sentidos, trazendo em suas temáticas *novos*

acontecimentos dos quais partem discursividades e intencionalidades, relacionando questões e referências do mundo factual em suas narrativas, daí as múltiplas leituras que pode gerar.

Considerando essas perspectivas e o ponto de vista aqui demonstrado, o filme *Um conto chinês* contribui para dar visibilidade às identidades múltiplas que perpassam o ambiente social argentino, mostrando que uma cidadania real só pode ser construída a partir de preceitos democráticos, engajados no respeito aos direitos humanos e às liberdades individuais. Abordar o multiculturalismo significa reconhecer a possibilidade de mesclar e aglutinar ideias e tradições culturais, admitindo, antes de tudo, a não homogeneidade étnica e cultural das diferentes sociedades. Por fim, o campo da comunicação pode avançar quando desenvolvemos conhecimentos sobre multiculturalismo, à medida que respeitarmos os seres humanos diferente de nós, o que corresponde a vivenciar no cotidiano social o princípio da alteridade, para além dos dizeres das teorias.

Referências

BETTO, Frei. **Alteridade**. Disponível em: < <http://www.freibetto.org/index.php/artigos/45-alteridade> >. Acesso em: 20 de mai. 2014.

FERREIRA, João Paulo Mesquita Hidalgo; **FERNANDES**, Luiz Estevam de Oliveira. **Nova História Integrada**. Campinas, SP: Companhia da Escola, 2005.

FLEURY, Reinaldo Matias. O multiculturalismo e suas denominações. In: **FLEURY**, R. M. (Org). **Educação Intercultural: mediações necessárias**. Rio de janeiro, DP & A, 2003.

GORDILLO, Inmaculada. **Manual de narrativa televisiva**. Madrid: Editorial Sintesis, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempos de globalização. In: **LOPES**, Maria Immacolata Vassalo de (Org). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político:** a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MARMORA, Lelio. Argentino quer se sentir um europeu. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 fev. 2000. Entrevista Concedida a Vanessa Adachi.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org). **Telenovela:** internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Imagens e sons do Nordeste brasileiro: interculturalidade, literatura, cinema & televisão. In: PAIVA, Cláudio Cardoso de; BARRETO, Emília Barbosa; BARRETO, Virgínia Sá (Orgs). **Mídias e Culturalidades:** análise de produtos, fazeres e interações. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.